



SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.



Copyright © 2022 Dos Autores.

Capa e projeto gráfico: Fabiano Neu.

Imagem de capa: *Salamandra*, baseada em *Fire Salamander*, de Night-Owl8.

Diagramação: TAI Design.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S219

Sandramaracorazza: obra, vidas etc. / Julio Groppa Aquino, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Paola Zordan (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

1092 p.

ISBN 978-65-5973-091-9

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Sandra Mara Corazza I. Aquino, Julio Groppa II. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de III. Zordan, Paola IV. Título.

CDU: 929

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.

JULIO GROPPA AQUINO
CLAUDIA REGINA RODRIGUES DE CARVALHO
PAOLA ZORDAN
(orgs.)



PORTO ALEGRE

2022

NÃO SE SABE¹¹² e O JOGO DO PE:¹¹³ notas de observação

Larisa da Veiga Vieira Bandeira¹¹⁴

O texto “Não se sabe” foi escrito em 2004 para compor uma das mesas redondas do II Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Devir-mestre: entre Deleuze e a Educação ocorrido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 18 e 19 de novembro de 2004. Publicado posteriormente em um dossiê organizado por Tomaz Tadeu e Walter Kohan para a revista *Educação & Sociedade* no ano de 2005. A preposição dos organizadores é que os textos ali reunidos sob o título “Entre Deleuze e a educação” “marcam quase um grito, uma direção, um novo território”. E avisam que na convocação do título há uma convocação para se situar “como todo movimento no espaço, ocupar este lugar exige um deslocamento dos que estão situados em um ou outro continente”.

Na apresentação da revista, Tadeu e Kohan se referem ao texto de Sandra Corazza como “um canto — breve, mas potente; estrito, mas estridente; sucinto, mas sustentado — à vida, a uma vida como Deleuze queria: impessoal, imanente, sagradamente afirmativa... e os ecos ressoam para quem tiver ouvidos para ou-

¹¹² Não se sabe... *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1205-1208, set./dez. 2005.

¹¹³ O jogo do PE: luzes examinantes para o além-mundo da pastoral educativa. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 90, p. 41-75, jan./abr. 2005.

¹¹⁴ Licenciada em Pedagogia, professora substituta na UFRGS.

vi-los”, centrado num dos interlocutores privilegiados de Deleuze: Friedrich Nietzsche. As palavras-chave do texto são: Infância. Criança. Desejo. Afirmação.

Esse canto breve foi publicado no mesmo ano no periódico Cadernos de Educação da UFPel, (Universidade Federal de Pelotas), na seção Ponto de Vista no volume 24, o editor o apresenta como um brinde ao leitor, escrito numa poética do infantil.

UM CANTO — BREVE, MAS POTENTE

Sem interrupções, sem preâmbulos, Sandra Corazza escreve em quatro páginas o texto — *Não se sabe* — em ato de produção empirista transcendental, experimental. O texto canto breve apresenta variações de altura mantendo o próprio ritmo. Não se trata de um canto “solo”, em multiplicidade engendra com Nietzsche. Sendo estrito e estridente é um canto, um *Duo Corazziano* com Nietzsche com os arranjos rítmicos da prática regular e com a excelência requerida pelo tempo e dedicação.

Não se assemelha a nada que o preceda ou que possibilite continuidade para o que está posto, ressoa a prática regular e ferrenha de escrita que acontecia nos bastidores na pesquisa-de-mil-nomes Pós-currículo, diferença e subjetivação de infantis, e outros tantos nomes que eram inventados, sonhados, delirados, mas que diziam, univocamente, de uma pesquisa educacional inspirada pelo pensamento deleuziano da diferença que Sandra Corazza compunha com seus orientandos no período 2004 – 2007.

ESTRITO, MAS ESTRIDENTE

Sobre os acúmulos da pesquisa Corazza pinça, com precisão, sobre esse desterritorializado deslocado, precipitado e ativado, arquétipo do inconsciente coletivo. O *infantil* recor-

re e atravessa a obra de Sandra Corazza com concentração de produção em 2005¹¹⁵ em textos publicados em jornais, revistas e livros. Corazza recusa o apriorismo dos conceitos e avança em caminhos paradoxais para deixar de identificar ou confundir o *infantil* e a criança ou com o estado de coisas da infância, para isso segue avançando em campos de experimentação, recusa-se a repetir o senso comum e verga ao limiar a linguagem da pesquisa.

No livro *Uma Vida de Professora*, publicado também em 2005, Corazza anuncia no capítulo intitulado Metainfância: “não mais “a criança” empírica, idealizada. Essencial, dotadas de características comuns a um certo número de indivíduos; não mais a forma “criança”, [...] Daqui para a frente, apenas um pensamento impessoal, inconsciente e involuntário, que pensa o infantil como paradoxo, acontecimento, devir” (CORAZZA, 2005, p. 45).

“Não se sabe” é preciso, precioso, rigoroso, o texto discorre sobre aquilo que é chamado de *infantil* e sobre e como o *infantil* atua contra os “sentidos estabelecidos, normas coercitivas, querer divino, ídolos axiológicos da moral, *arrière-monde*”,¹¹⁶ afirmando que o *infantil* “opera, antes de tudo, contra a morte”, e que detesta “o preceito *Tudo o que é belo é racional* e nunca subordina a poesia à lógica, por considerar que os instintos vitais é que constituem sua força afirmativo-criativa”, e no que se transforma.

¹¹⁵ A linha do tempo da (des)invenção da infância. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, p. 16 – 16, 09 out. 2005. Infantil: atenção! Jornal Ibiá, Montenegro, RS, p. 2 – 2, 25 dez. 2005. Cenas de uma vida de professora. Pátio (Porto Alegre. 2002), Porto Alegre, v. VIII, n.32, p. 46-49, 2005.

¹¹⁶ A fim de tornar a leitura mais fluída, optou-se por colocar as citações do artigo a ser analisado entre aspas e em itálico, e os subtítulos originais em negrito.

POÉTICA DO INFANTIL

Corazza avisa ao encerrar seu canto breve, que não se sabe se ainda pode ser chamado *infantil*, “como um derivado da ação genérica da cultura; ou se terá chegado o momento, em que já não tem nenhuma importância chamar ou não chamar infantil àquilo que dele é dito e pensado”.

Escreve com o que resulta das ações e das paixões, com o que habita a superfície dos corpos, dançando sobre os pés do acaso, escreve “para sentir alegria, leveza, esperança, orgulho, basta-lhe a inconsciência salutar associada ao esquecimento. Instalado no limiar do instante, apaga lembranças, já que sem esquecer não age e não vive. “

O canto é breve, brevíssimo, é bravo, bravíssimo.

LUZES EXAMINANTES PARA O ALÉM-MUNDO

No início do mesmo ano de 2005, e na mesma revista, é publicado o texto: O jogo do PE: luzes examinantes para o além-mundo da pastoral educativa. No editorial desse número de Educação & Sociedade há uma solicitação que seja promovida uma audiência pública pelo Conselho Nacional de Educação, ainda no mês de abril do mesmo ano, como espaço democrático de manifestação pública das entidades representantes de todos os segmentos educacionais sobre o Projeto de Resolução do Conselho Pleno do CNE que “Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em pedagogia”.

A manifestação é assinada pela Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd), Associação Nacional pela Formação de Profissionais de Educação (ANFOPE), Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) no entendi-

mento comum que “profissionalização do educador supõe a valorização dos profissionais. Isso requer: estreita vinculação entre a formação inicial e a formação continuada; condições adequadas para o exercício da profissão; carreira e o desenvolvimento de uma política salarial adequada”.

Não há uma apresentação dos textos que compõem esse número da revista, apenas se diz deles que versam “sobre temas de grande atualidade, dá continuidade à sua participação no debate sobre a universidade e sua reforma. “O campo do currículo dos cursos de pedagogia expunha nesse momento as batalhas ferrenhas, travadas constantemente no território da formação de professores.

Entre os quinze títulos que compõem o exemplar e que trazem a pedagogia, o currículo, público e privado, compromisso político e competência, e temas que mantêm as universidades públicas nas lutas pelo espaço que as pertence e que querem insistentemente subtrair para, desse modo, favorecer as instituições privadas. Encontramos em meio a essa trama complexa de resistência textual “O jogo do PE: luzes examinantes para o além-mundo da pastoral educativa”.

No campo de batalha das discussões sobre os currículos, o texto de Sandra:

Susta assusta transmuta fantasia, na moringa colorida, na milonga arteira, na mandinga frita de sol, cerca cerra encarcera repesca quebra descasca desenlaça desmexe desfaz desdiz dissipa [...] fura a cisterna subjetiva arranca toco raspa couro arreia a bandeira [...] in-certo in-definível in-descritível in-sondável in-decifrável (CORAZZA, 2009, p. 42-46).

Todas as peças em geral são esculpidas em marfim, madeira, massa, ouro, prata, sangue da barata

O texto performa em um tabuleiro esdrúxulo em um jogo com seu conjunto de regras de produção da verdade. Corazza descreve o jogo do PE (Pastoral Educativa) sem delongas e para isso anuncia na introdução do texto que “aproveita as quatro partes que compõem *Also Sprach Zarathustra*, de Nietzsche, para desenhar a própria configuração; 2) utiliza a maioria dos subtítulos de *Also Sprach...*, sem necessariamente fazer corresponder-lhe o que ali Zarathustra falou. “

Em escrita experimental, caótica, artística, impensável, delirada, Corazza coloca o guizo do riso no pescoço tenso do leitor, cria personagens conceituais e o jogo para as ideias singulares.

As peças do jogo e do texto são decifradas conforme as regras e os espaços entre as casas do tabuleiro se apresentam. O conjunto de peças disponibilizados no tabuleiro tem um número indefinido e imutável. Os infantes, que no jogo do PE, também chamados de peões e que são as peças de menor valor e em maior número no tabuleiro, são também, as peças sob as quais o jogo se dá, já que sua eliminação é o único objetivo do PE. Os infantes são intempestivos, pululam nos espaços a eles reservados.

Peça de mais importância, mas nem tanto assim, os padres ascéticos, ou bispos em grande número no tabuleiro, são os difusores da era moderna do “Pastoral Educativa (PE — pronuncia-se “Pê” — como é, coloquialmente, conhecido entre seus aficionados) data dos séculos XVII e XVIII, quando os movimentos do jogo ganharam sua forma atual”. São os mais antigos e afeccionados jogadores de PE, (Nesse jogo alguns elementos são peças e são também jogadores).

As rainhas, também conhecidas como damas, são peças em menor número no jogo do PE, grande parte decapitada por infidelidade e “por não conseguir procriar filhos homens;

fazem parte do conjunto dos jumentos todos os que ainda não se cansaram de carregar fardos” (Nesse jogo alguns elementos são peças e são também jogadores, com possibilidades reduzidas de movimento no jogo).

Os jumentos são peças com lugar definido, ficam entre um padre e um panóptico (como no xadrez). Os panópticos ficam sempre no centro da construção, nunca nos cantos.

FORMA DE PODER E LUTAS DO PE

O texto segue no movimento de suas peças distinguindo os aspectos do poder pastoral e sua importância atual. Cita as fontes do “Pastoral Confessional” (PC) jogo analítico sistematizado pelo filósofo Michel Foucault e que têm muitos pontos em comum o PE.

Lança luzes sobre a dívida comum de ambos os jogos ao cristianismo, que foi o único que organizou a religião como uma Igreja, a centralidade da palavra “pastoral” que se hoje não desapareceu, “perdeu a parte principal de sua eficácia, embora o jogo prossiga sendo chamado assim”. A forma do poder, as lutas, as estratégias de confronto, e as relações de poder os “jogos estratégicos entre liberdades”, “que fazem com que umas jogadoras tentem determinar as condutas das outras — coisa que é preciso distinguir das situações de dominação”.

Detalha minuciosamente a forma específica de poder exercida pela “pastoral” que objetiva assegurar a salvação individual dos infantes no outro mundo, e que não cuida “apenas da comunidade de infantes como um todo, mas de cada infante em particular” e que, para corroborar com a eliminação dos infantes, os pastores educacionais exercem o poder com o conhecimento da mente dos infantes, na exploração de suas almas, fazendo-os revelar os seus segredos mais íntimos. Tal

forma de poder implica um saber da consciência do infante e a capacidade de dirigi-la.

Assinala, bem assinalado “que, atualmente, podemos considerar o Estado moderno a matriz da individualização dos infantes, ou, em outras palavras, a nova forma do poder pastoral que possibilita jogar o PE”.

As lutas que se lutam no PE são caracterizadas e todas essas lutas giram em torno da questão: “quem somos nós, os infantes que somos, os que éramos, os que serão? Elas são uma recusa a essas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem são os infantes individualmente, e também uma recusa de uma investigação científica ou administrativa que determina quem são os infantes. “

Como muitas outras lutas contemporâneas, Corazza destaca que o principal objetivo das lutas do PE, é atacar, como uma técnica, uma forma de poder não importando tanto tal ou qual instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, que será atacada. Os três tipos de lutas travadas no PE e nas sociedades atuais são: “1) contra as formas de dominação — étnica, social e religiosa; 2) contra as formas de exploração que separam os infantes daquilo que eles produzem; 3) contra aquilo que liga o infante a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros — lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão infantis”.

ESTRATÉGIAS DE CONFRONTO E RELAÇÕES DE PODER

Em uma leitura rápida “as jogadas” do texto lembram os movimentos de um jogo de xadrez, mas ao se aproximar percebe-se que o jogo se dá em um tabuleiro desconhecido, terra de ninguém. As peças movimentam-se pelo tabuleiro sem dados aparentes que determinem o número de casas que devem

avançar a cada jogada, mas os dados são jogados a todo momento. Como as regras de um jogo desconhecido, com peças esquisitas, disfarçadas, o texto, o imprevisível experimento, numa escritura fortemente fabuladora, não mede esforços, e ainda assim, faz sem esforço algum a articulação conceitual da filosofia com a educação.

E avança expondo qual melhor estratégia para jogar o PE, e a melhor estratégia define-se pela escolha das soluções vencedoras, para atingir o objetivo que é fazer funcionar e manter o dispositivo de poder educacional.

A escolha dos meios empregados para atingir tal objetivo apresenta variações que vão desde modos de ação sobre a ação possível, eventual, suposta da adversária, até privar a adversária dos seus meios de combate e reduzi-la a renunciar à luta. Poder e resistência se confundem em atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua. “A cada lance do jogo, a relação de poder pode tornar-se um confronto entre as adversárias. A cada lance também as relações de adversidade, como numa sociedade, abrem espaço para o emprego de mecanismos de poder”.

O que faz aparecer o fenômeno fundamental da “dominação” no jogo é, justamente, a interferência entre as estratégias das lutas e as relações de poder, os mesmos processos e os mesmos acontecimentos são decifradas e se tratam de uma situação estratégica, mais ou menos adquirida e solidificada num conjunto histórico de longa data.

XEQUE E XEQUE-MATE

Tomar o infante é o objetivo do PE, ele permanece todo o jogo em constante ataque, e como os infantes “recebem seus nomes de acordo com as peças que estão à frente deles, como,

por exemplo, o infante do rei, ou o infante do panóptico da dama, ou mesmo o infante do jumento do rei” ao atacar o infante, todas as peças que o nomeiam estão sob ataque e que a fim de fazer de conta que defendem seu infante abandonam todas as suas táticas de jogo ou se rendem. Algumas vezes, em função da impossibilidade de as adversárias proferirem o xeque-mate, o jogo termina empatado. E quem sempre ganha é o movimento ininterrupto do PE.

O jogador/leitor não é obrigado a mover uma peça sempre que possível durante a leitura, mas é instigado a capturar uma peça do tabuleiro textual, toda vez que tiver oportunidade. Na introdução do texto é solicitada licença à Nietzsche para “propor a fala — pelo amor antigo que lhe tem — outros aforismos, ideias e considerações, mesmo que extemporâneos, para montar o tabuleiro onde possa jogar o PE”.

Para o leitor não necessariamente habituado ao “idioma” Corazziano essa era a senha para acompanhar o texto a partir da página cinquenta e dois, na qual inicia a apresentação do tabuleiro em quatro partes, montado, engendrado em aforismos em caixas de textos retangulares, com os títulos posicionados nos espaços entre os retângulos. Espaços que, embora não referidos nas regras, são imprescindíveis para que o jogo se efetive. Do caminho do criador, Antes do nascer do sol, Ao meio-dia, O homem superior, Das alegrias e paixões, Da morte livre, O mendigo voluntário, Os mil objetivos e o único objetivo, A picada da víbora, A velha e a nova, Do filho do matrimônio, Da guerra e dos guerreiros, Dos pregadores da morte, Dos eruditos, Ler e escrever, A sanguessuga, Nas ilhas bem-aventuradas, Dos sábios célebres, Do país da civilização, O canto do sepulcro, O canto do baile, O canto da noite, Dos que menosprezam o corpo, Das cátedras da virtude, Da

vitória sobre si mesmo, Da beatitude involuntária, Da virtude amofinadora, Da ciência, Dos virtuosos, Da virtude dadivosa, Dos homens sublimes, Dos sacerdotes, A festa do jumento, são os títulos da primeira parte dispostos entre retângulos emoldurados em linha fina.

Segunda parte – Assim falava Zaratustra, traz em retângulos com molduras pespontadas, Da redenção, I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, Do grande anelo, Do amor ao próximo, Das moscas da praça pública, Das tarântulas, Do conhecimento imaculado, Do colóquio com os reis, Da discrição humana, O adivinho, Dos grandes acontecimentos, Da árvore da montanha.

Terceira parte – Assim falava Zaratustra, emoldurados em retângulos de bordas duplas, I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, Da visão e do enigma, Das antigas e das novas tábuas, O convascente, No Monte das Oliveiras, A oferta do mel.

Quarta e última parte – Assim falava Zaratustra, Do pálido delinquente, A sombra, O deserto cresce, ai daquele que oculta desertos! O grito de angústia, O canto da melancolia, O canto de embriaguez, O despertar, O homem mais feio, ocupam o espaço entre os retângulos. No tabuleiro ninguém é dono do próprio texto, “às favas, com a soberba autoral”, quando está pronto, com suas casas e espaços, Corazza apresenta, em suas variações contínuas o PE com as suas regras originais desconhecidas e a maneira como é jogado atualmente.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa, CORAZZA, Sandra M. (orgs.) *Abecedário: Educação da diferença*. Campinas. Papirus, 2009.

CORAZZA, Sandra M. *Uma vida de professora*. Ijuí. Unijuí, 2005.